

Ética e estética da literatura surda: entrevista com Amarildo João Espíndola e Larissa Gotti Pissinatti

The ethics and aesthetics of deaf literature: interview with Amarildo João Espíndola e Larissa Gotti Pissinatti

Vitor Cei¹

Resumo: Amarildo João Espíndola (UnB) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR), escritores, professores e pesquisadores da área de LIBRAS, refletem sobre os desafios e perspectivas da cultura surda no Brasil. Nesta entrevista concedida ao coordenador do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que consiste em mapeamento da literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores, Espíndola e Pissinatti discorrem sobre seus processos de escrita criativa, avaliam a recepção do livro *Curupira Surdo* por crianças e adultos, ouvintes e surdos, e refletem sobre os aspectos éticos e estéticos relativos à literatura surda.

Palavras-chave: LIBRAS; literatura surda; *Curupira Surdo*.

Abstract: Amarildo João Espíndola and Larissa Gotti Pissinatti, writers, professors and scholars of Brazilian Sign Language, reflect upon the challenges and perspectives associated with deaf culture in Brazil. In this interview granted to the coordinator of the extension project “News from Current Brazilian Literature: Interviews”, which consists of a mapping of Brazilian Literature of the beginning of the 21st century from the perspective of the writers themselves, Espíndola and Pissinatti give their account on their own creative writing process, assesses the reception of their book *Deaf Curupira* among listeners and deaf adults and children, and reflects upon ethical and aesthetical aspects pertaining to deaf literature.

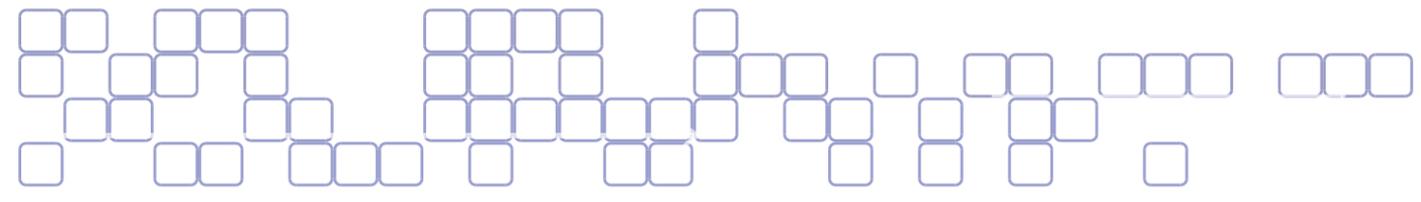
Keywords: Brazilian Sign Language; deaf literature; *Deaf Curupira*.

Introdução

Amarildo João Espíndola nasceu em Guaratuba (PR). Surdo desde os 7 anos de idade, estudou Educação Artística na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, graduou-se em Letras LIBRAS na Universidade Federal de Santa Catarina, concluiu especialização em LIBRAS no Instituto de Educação e Ensino Superior de Samambaia e mestrado em Letras na Universidade Federal de Rondônia, com a dissertação *Variação linguística na LIBRAS: estudo de sinais de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC)*. Ele foi o primeiro surdo a receber o título de mestre em Rondônia.

Entre 2006 e 2012, Espíndola foi Diretor Financeiro da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no escritório regional de Brasília. Atua como professor desde 2002, tendo trabalhado em diversas instituições de ensino básico e

¹ Doutor em Estudos Literários (UFMG). Professor da Universidade Federal de Rondônia e líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura (UNIR/CNPq). E-mail: vitorcei@unir.br



superior. Foi professor da Universidade Federal de Rondônia entre 2014 e 2018. Atualmente é docente da Universidade de Brasília.

Larissa Gotti Pissinattinasceu em Itapira (SP).Em 2007, recebeu certificado PROLIBRAS de Proficiência na Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa. Concluiu graduação e especialização em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção, especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar pela Faculdade de Educação de Porto Velho e mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia, com a dissertação *Representações linguístico-culturais do povo surdo na literatura surda*. Atualmente é doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

Pissinatti atua como professora desde 2001, tendo trabalhado em diversas instituições de ensino básico e superior, lecionando Filosofia e LIBRAS. Em 2014, tornou-se professora da Universidade Federal de Rondônia, exercendo atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de LIBRAS.

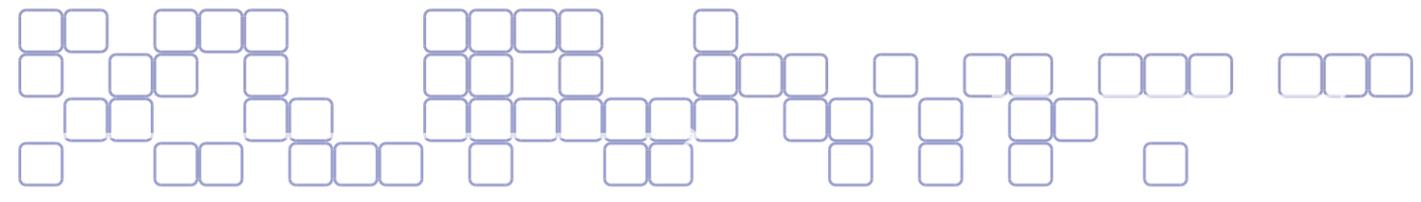
Espíndola e Pissinatti são coautores do livro *Curupira Surdo*, escrito em parceria com Elielza Reis da Silva e as ilustradoras surdas Suzana Frota e Leila Sena. A narrativa infanto-juvenil, adaptação da lenda amazônica, foi o primeiro livro de literatura surda publicado em Rondônia.

Em entrevistas exclusivas concedidas em setembro de 2018,contemplando tanto o projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, quanto estenúmero especial da RE-UNIR, com o tema“LIBRAS: desafios e perspectivas”, Espíndola e Pissinatti discorrem sobre seus processos de escrita criativa, avaliam a recepção do livro *Curupira Surdo* por crianças e adultos, ouvintes e surdos, e refletem sobre os aspectos éticos e estéticos relativos à literatura surda. Confira a entrevista.

Cei:A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida como língua de uso do povo surdo do Brasil com a Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002. Após 16 anos, vocês têm notado alguma mudança significativa na postura dos estudantes e profissionais em relação ao interesse e ao estudo de LIBRAS?

Espíndola: Esse processo de reconhecimento da Libras como língua foi resultado de um movimento político nacional da Federação Nacional de Educação e **RE-UNIR**, v. 5, nº 2, p. 10-23, 2018. ISSN – 2594-4916





Integração de Surdos (FENEIS) e as associações de surdos brasileiras em favor do reconhecimento e valorização em lei. Apesar de existir língua de sinais desde que existem surdos, somente a partir da década de 60 do século passado passa a ser estudada do ponto de vista científico. E aqui no Brasil a Libras já era falada nas comunidades surdas, mas ainda não possuía um aparato legal. Após o reconhecimento em lei, as consequências têm sido cada vez mais positivas. Atualmente temos o Decreto 5626/05 que regulamenta a lei de Libras e o artigo referente à acessibilidade na comunicação de pessoas surdas. Todo este aparato legislativo contribui significativamente para a institucionalização da Libras em universidades, escolas e órgãos públicos de maneira em geral. Dessa forma, cada dia mais percebe-se um crescente interesse de estudantes e profissionais pela aprendizagem dessa forma peculiar de comunicação, que provocou também uma demanda profissional por professores de Libras e tradutores e intérpretes de Libras. Além disso, nota-se um interesse por parte dos ouvintes que eu diria, quase etnográfico ou cultural pela comunidade surda e sua singularidade comunicacional.

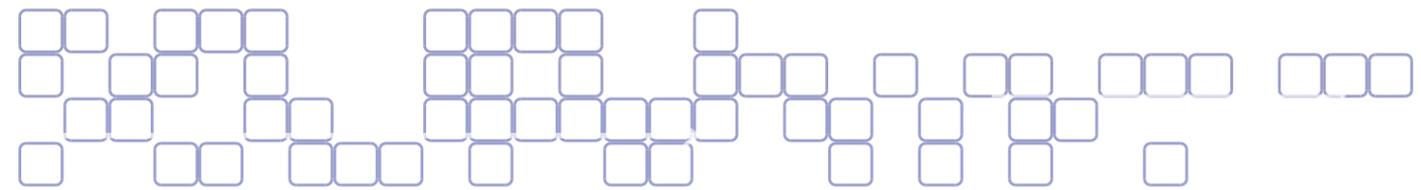
Pissinatti: Sim. O processo de reconhecimento da LIBRAS traz também o favorecimento de um espaço de legitimação e desenvolvimento das produções culturais do povo surdo. Com o reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil, houve um aumento nas produções literárias do povo surdo. Além das produções, percebe-se também um aumento no número de pesquisas na área dos Estudos Surdos.

A cultura em relação ao povo surdo e a LIBRAS também avançou. Esse processo foi facilitado pela inserção da disciplina de LIBRAS nas licenciaturas, favorecendo o conhecimento e o contato com a língua e as especificidades do povo surdo. Em diversas instituições a carga horária não é o suficiente, mas contribui no processo de sensibilização para o conhecimento e o respeito às diferenças do povo surdo.

Cei: Na dissertação de mestrado de Larissa, *Representações linguístico-culturais do povo surdo na literatura surda* (PISSINATTI, 2016, p. 26), afirma-se, com base em estudo de Cláudio Mourão, que assim como existem diferentes perspectivas sobre o que é literatura, não há um único conceito definidor de “literatura surda”. Ciente

RE-UNIR, v. 5, n° 2, p. 10-23, 2018. ISSN – 2594-4916



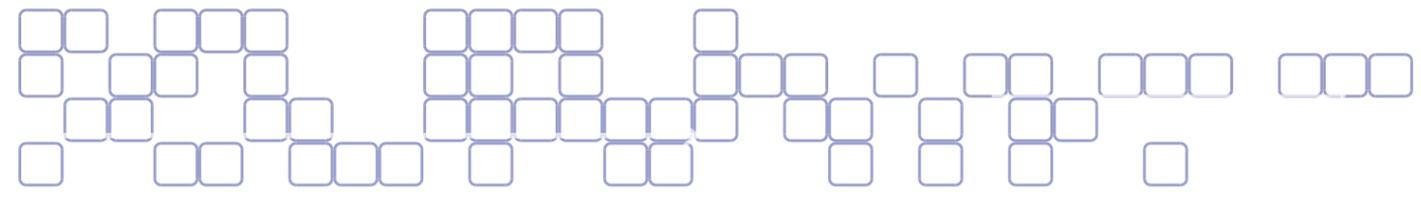


dessa dificuldade, ou impossibilidade, pergunto: quais são as principais características da literatura surda? Que elementos a diferenciam da literatura brasileira contemporânea?

Espíndola: A literatura surda possui por principal característica a visualidade e o uso de elementos culturais da comunidade surda na trama, ou seja, é de uma ética e estética visual que estamos falando quando nos referimos à literatura surda. Apesar de um dos grandes entraves linguísticos da pessoa surda ser a modalidade escrita das línguas, a comunidade sempre teve ao longo de sua existência uma literatura construída por meio de gestos, teatro visual, língua de sinais, artefatos culturais e caricaturas viso-espaciais, que eram repassadas de uma geração para outra dentro da comunidade. Assim, o que vem ocorrendo nas últimas décadas é a possibilidade da transcrição da literatura surda, ou por meio da adaptação da literatura ouvinte com componentes culturais surdos (gravada em Libras ou escrita em Língua Portuguesa) ou por meio da escrita da Libras, em linguagem direta com a comunidade surda.

Pissinatti: No Brasil, as produções do povo surdo são um fenômeno recente. Por isso, o pesquisador surdo Cláudio Henrique Nunes Mourão diz que não há um conceito definidor de literatura surda. A literatura surda se caracteriza pelas representações dos valores linguístico-culturais do povo surdo. Nas narrativas encontramos personagens surdas, valorização das experiências e vivências do povo surdo, empoderamento do sujeito surdo em relação ao sujeito ouvinte, ênfase nas experiências visuais e na LIBRAS. Em algumas obras essas características são tão presentes que podemos considerar a obra, segundo os estudos pós-coloniais, como uma obra de caráter político, pois redimensiona o olhar do leitor conduzindo-o a perceber o surdo na sua diferença, ou seja, um sujeito com uma identidade positiva e atuante na sociedade.

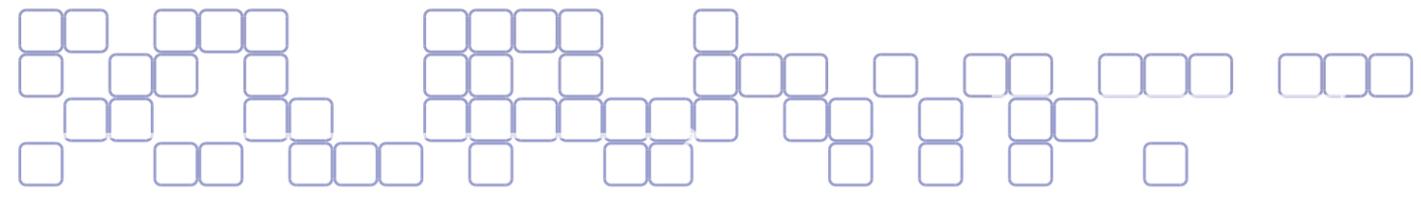
Cei: Como vocês definem as suas trajetórias na área de LIBRAS? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida vocês se interessaram pela literatura surda?



Espíndola: Eu nasci ouvinte e aos sete anos, por conta de uma pneumonia e o tratamento com uso de antibióticos, fiquei surdo. A partir daí, enfrentei idas e vindas a consultórios médicos e fonoaudiológicos em busca da suposta cura para a surdez, contexto sustentado por médicos, fonoaudiólogos e, conseqüentemente, por minha família. À medida que cresci, especialmente na pré-adolescência, dei-me conta de que o mundo não era composto somente por pessoas ouvintes e muito menos somente por falantes da Língua Portuguesa. Ao encontrar adolescentes surdos pela primeira vez que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais - Libras, fui completamente atraído por essa língua e pela cultura surda. No entanto, minha família adiou esse encontro por mais algum tempo. Somente aos 12 anos pude, de fato, ter contato com pessoas surdas e aprender a Libras. Desde então, definitivamente, me senti com amigos, e melhor, amigos surdos. Minha identidade surda começou sua construção, minha autoestima e meu empoderamento como sujeito surdo, não assujeitado ao mundo ouvinte, tal como o percurso que vinha fazendo até então. Sentia-me livre e completo, pertencente a uma comunidade com seus pontos e contrapontos. Passei a conviver com amigos surdos, me aprofundi em Libras, formei-me no Magistério e, posteriormente, comecei a trabalhar como professor de crianças surdas. Em 2008, fui selecionado para o curso de Letras-Libras, ali, meu percurso científico-acadêmico dentro da Libras ganhou corpo. Deparei-me com diversas pesquisas e pesquisadores que trabalhavam com essa temática e suas particularidades, dentre elas, tive contato com a incipiente produção literária escrita da comunidade surda e me senti impelido a contribuir com esse nicho, tão pouco valorizado pela sociedade em geral, mas de grande valor ético, estético, identitário e cultural da comunidade surda. Além do mais, o fato de residir na Região Norte me fez entrar em contato com fundamentos culturais literários da comunidade surda e ouvinte local (professores, intérpretes, pesquisadores) que influenciaram diretamente a nossa produção artística.

Pissinatti: O caminho se fez gradualmente. Comecei a aprender a LIBRAS com 18 anos, no Instituto Santa Teresinha, uma escola para surdos. Nessa escola, fui professora, aprendi a interpretar, exerci o cargo de coordenadora pedagógica adjunta e durante esse período de trabalho na escola a cultura surda era muito



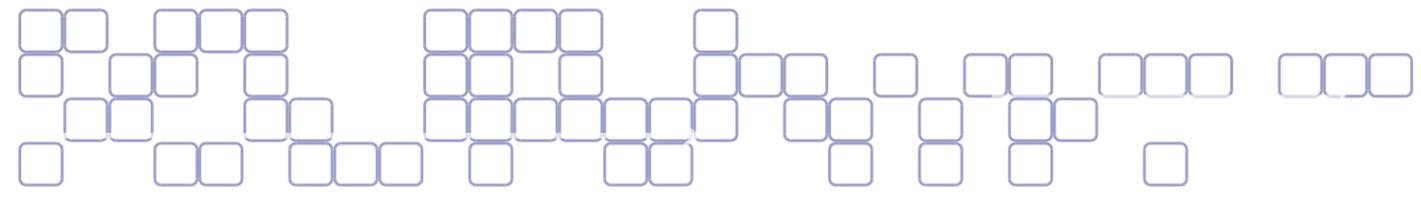


valorizada. Foi nessa época que conheci a Literatura Surda, com professores surdos que incentivavam a leitura em LIBRAS de narrativas infantis clássicas.

Comecei a trabalhar com professora de LIBRAS em 2008 e nas minhas aulas sempre realizava um trabalho com as narrativas do povo surdo. Durante meu trabalho como professora de LIBRAS sentia cada vez mais desejo de aprofundar os estudos em relação à literatura surda como objeto literário de estudo, por isso, resolvi fazer o mestrado em estudos literários. O momento do mestrado contribuiu muito para situar a literatura surda no campo de estudo da literatura, além disso, embasou meu trabalho com as narrativas surdas nas aulas de LIBRAS.

Cei: Cada escritor tem método e estilo próprios. O reconto e a tradução adaptada dos cânones da literatura universal são práticas recorrentes no ensino de LIBRAS e no mercado editorial da literatura surda. Seu livro *Curupira surdo* (ESPINDOLA, SILVA, PISSINATTI, 2016), que não foge à regra, é uma adaptação do folclore brasileiro. Que concepções de tradução/adaptação orientam seus trabalhos? Vocês poderiam descrever as opções formais e temáticas que norteiam seus projetos literários?

Espíndola: Olha, antes de falar da literatura surda, é preciso falar da comunidade surda. Esta comunidade teve sua língua de sinais proibida no mundo por quase um século. Até o Século XV os surdos não eram considerados capazes de aprender, por isso não tinham acesso à escola. Assim, a inserção do sujeito surdo no mundo escrito foi ocorrendo paulatinamente por meio de uma imposição de uma comunidade que se considerava superior (a ouvinte) sobre outra (a surda). Nesse itinerário histórico, a comunidade surda foi sendo tomada pelo ambiente cultural ouvinte e com ela veio sua literatura. Apesar de a comunidade surda ter o seu jeito genuíno de produzir literatura, somente por meio do acesso à cultura do outro, de seus valores e letras, é que deu-se início a esse processo de desenvolvimento por meio da escrita. Sendo assim, a literatura surda escrita é, em sua maior parte, uma transposição da literatura ouvinte. No entanto, não se trata de uma mera tradução ou cópia. No caso do nosso livro *Curupira Surdo*, a história foi totalmente ressignificada. Mantivemos o mote principal da relação intrínseca do curupira com as questões ambientais, mas acrescentamos os recursos culturais surdos para que essa história

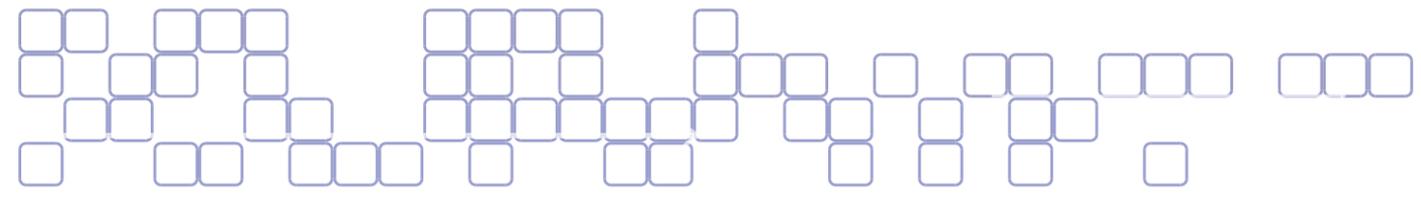


fizesse sentido também para as crianças surdas. A floresta foi atravessada, digamos assim, pintada por ingredientes culturais visuais e linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que para além do curupira, era uma prática utilizada pelos animais da floresta, tendo, inclusive entre eles, uma arara-intérprete, elemento cultural da comunidade surda. E foi o fato dos caçadores terem visto o uso daquela língua que os espantou e provocou uma atitude reflexiva sobre o ato de exterminar os animais. Em suma, a adaptação, o conto e reconstrução da literatura por meio da cultura surda é um estilo estético visual intercultural que diz de uma passagem entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

Pissinatti: A ideia da obra surgiu durante o mestrado. No momento, eu estava lendo sobre a teoria dos estudos pós-coloniais. Nessa perspectiva, a tradução se faz uma reescrita, na perspectiva que Bill Ascroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin denominam “writingitself”, ou seja, “escrita de si”. Nesse tipo de escrita, encontramos as peculiaridades culturais em uma releitura a partir de um determinado grupo cultural. É o que ocorreu com a narrativa *Curupira Surdo*, trazida para o contexto do povo surdo em sua adaptação cultural.

Cei: Como vocês veem a recepção da obra *Curupira Surdo* entre surdos e ouvintes, adultos e crianças?

Espíndola: Eu fiquei bastante surpreso e satisfeito, pois tanto o público infantil quanto os profissionais da educação acolheram muito bem a obra. *Curupira Surdo* trata de um tema pertinente à educação, trazendo elementos tanto ecológicos, quanto inclusivos, temáticas atualíssimas e indispensáveis à formação do sujeito. O fato de ser uma adaptação de um tema literário da comunidade ouvinte e ser retratado por meio de uma ótica visual acrescenta uma singularidade, ao mesmo tempo em que promove a verdadeira integração entre surdos e ouvintes com elementos biculturais e bilíngues. Os surdos se identificam com a obra por conter aspectos de sua língua e de sua cultura e os ouvintes por tratar-se de tema da literatura infantil articulado com as questões prementes do meio ambiente, conseqüentemente, do cuidado com o planeta, assim com o cuidado de si e da geração futura. Tanto adultos quanto crianças se interessam pela obra por meio de

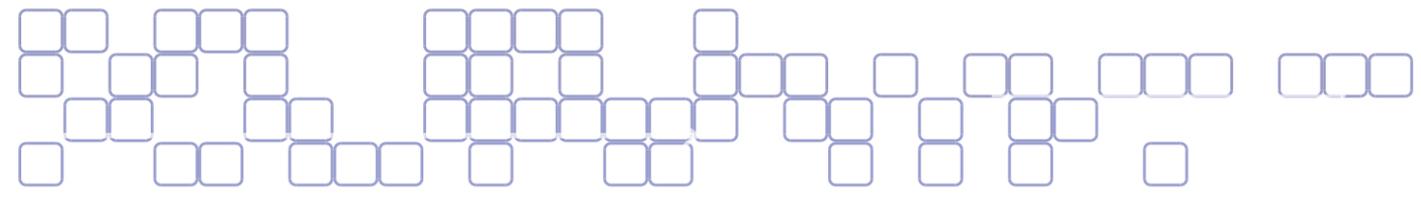


suas temáticas, mas também pela facilidade de inserção em temas tão fundamentais da formação humana que o seu uso ocasiona.

Pissinatti: Não esperava tanta receptividade. Os surdos se identificaram muito com a obra e os ouvintes também apreciaram bastante. Descobrimos o viés ecológico que a obra possibilita trabalhar. Na verdade, enquanto fazíamos apenas estávamos criando sem pensar em muita coisa. Queríamos que ficasse uma história agradável e compreensível tanto para ouvintes como para surdos. Uma preocupação do grupo era deixar nas ilustrações a possibilidade de uma leitura visual para que as crianças que ainda não sabiam ler e estavam aprendendo LIBRAS pudessem apreciar a leitura de forma visual.

Cei: O Brasil tem como um dos grandes desafios a democratização do acesso à literatura e, por consequência, a tarefa educativa de formar leitores. Como vocês compreendem o papel da literatura na formação das crianças surdas e ouvintes? E, como professores e autores de literatura infantil, quais são suas sugestões aos educadores que pretendem trabalhar com *Curupira Surdo* e outras obras infantis?

Espíndola: Realmente, o Brasil tem sérios problemas no que diz respeito ao acesso à literatura de maneira geral. E quando se trata do leitor surdo, esse acesso é ainda mais prejudicado, pois a comunidade surda, em sua maioria, se comunica por meio de uma língua que apresenta muitas dificuldades para se escrever e fazer parte dessa seara do mundo escrito. Sendo assim, a comunidade surda se vê obrigada a adentrar em um mundo literário que não está registrado em sua língua, em sua cultura. Muitas vezes, a produção literária em outra língua, em outra cultura, não faz tanto sentido para as crianças que ainda estão em processo de formação identitária e cultural. Sendo assim, no caso dos surdos, resta-lhes um acesso ainda mais restrito, por meio de uma literatura adaptada da literatura ouvinte. Atualmente acompanhamos o crescimento da produção literária voltada para o público infantil, que concorre com a tecnologia digital, mas têm aberto cada vez mais um espaço para esse objetivo. Acredito que a literatura para toda e qualquer criança é fundamental ao desenvolvimento cognitivo, linguístico, acadêmico e emocional, pois a criança encontra-se em uma fase em que o mundo da imaginação ganha mais



importância do que a realidade. Trazer temas da realidade nua e crua sem utilizar uma linguagem infantil, da fantasia, da imaginação, dificilmente conseguirá acessar a subjetividade e o interesse das crianças. Esse é o princípio básico de um trabalho pedagógico com crianças a partir da literatura. No caso da literatura surda, é fundamental que inicialmente o professor permita que as crianças folheiem o livro à vontade, conversem entre si a respeito da temática e tentem contar, cada um à sua maneira, o que sentem e pensam do que se trata o livro. Em seguida, o professor, de preferência um professor surdo, ou fluente em Libras e conhecedor da cultura surda, pode contar também a história por meio da Libras e abre uma discussão sobre os elementos apresentados, reconhecendo o ponto de vista dos alunos. Nesse momento, pode-se abrir espaço para discutir as temáticas ambientais e inclusivas colocadas no livro. Em seguida, incentiva-se os alunos a pintarem o seu livro com suas cores prediletas, acrescentando sua marca, sua singularidade à obra.

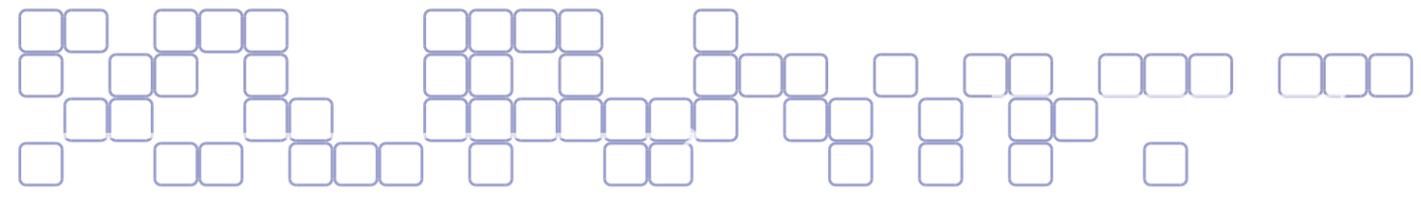
Pissinatti: Acredito que a literatura surda seja o caminho para introduzir o surdo no processo de letramento literário. Partindo do que lhe é próprio e incentivando a leitura de outros gêneros dentro das produções do povo surdo e, em seguida, inseri-lo na leitura do cânone. Acredito que a literatura surda tenha uma grande contribuição no processo de formação de leitores surdos. A leitura na LIBRAS e na língua portuguesa são importantes para o surdo, mas, em muitos casos, por desconhecimento dessas produções, o professor oferece apenas a leitura de obras em língua portuguesa. Além disso, a literatura surda possibilita ao surdo fortalecer seus valores e sua identidade, conhecer e ampliar o vocabulário tanto na LIBRAS como na língua portuguesa.

Cei: Como vocês avaliam os escritores surdos brasileiros? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura surda atual como um todo, incluindo escritores ouvintes: o que vocês veem?

Espíndola: Como falei anteriormente, é preciso contextualizar o autor surdo antes de rotulá-lo como um simples adaptador de obras da literatura ouvinte. Eu acredito que os escritores surdos conseguiram resistir a um modelo de opressão linguística e cultural que, sem sombra de dúvida, acarretou também uma problemática em sua

RE-UNIR, v. 5, n° 2, p. 10-23, 2018. ISSN – 2594-4916



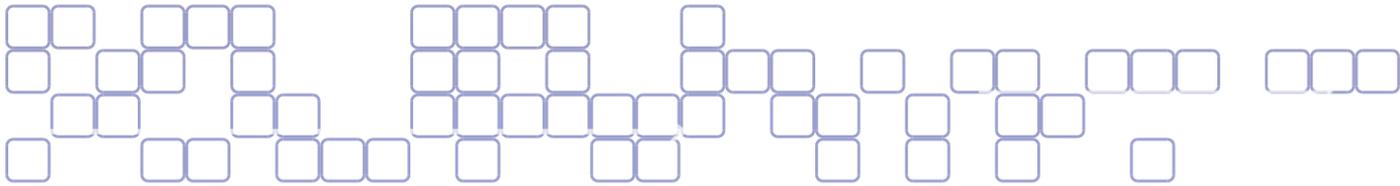


produção literária. Dessa forma, os surdos pertencentes a uma “tradição oral” em língua de sinais tiveram sua literatura desconsiderada e desvalorizada ao longo do tempo. A iniciativa de produzir textos a partir da língua do outro foi como uma espécie de capoeira, uma luta negra que se revestiu de dança para sobreviver. Logo, a literatura surda brasileira tem seu nascedouro em uma espécie de “dança” com a cultura ouvinte e com a língua portuguesa, mas no fundo o que se busca é a afirmação cultural e, portanto, visual, da comunidade surda por meio de elementos integradores com a comunidade ouvinte.

Pissinatti: Acredito que a literatura surda é palco da resistência surda de manifestação e representação de seus valores linguístico-culturais. Também é um momento de apresentar a ‘apropriação linguística’ da língua portuguesa pelo povo surdo. Interessante notar que muitas obras não apresentam a tradução em LIBRAS em suas produções impressas. A apropriação linguística é um conceito dos estudos pós-coloniais e uma atitude dos povos colonizados a fim de descolonizar os valores. Então o que percebo é um movimento do povo surdo e da comunidade surda, por meio da literatura surda de descolonização dos valores “ouvintistas”.

Cei: Na dissertação de mestrado de Larissa (PISSINATTI, 2016, p. 25-26), lemos que desde a década de 1990, quando se iniciaram os estudos sobre LIBRAS, o interesse do mercado editorial aumentou e o número de publicações na área se multiplicou, possibilitando que haja a circulação em outros espaços que não sejam somente o da comunidade surda. Quais os principais desafios para a edição de novos escritores surdos no Brasil de hoje?

Espíndola: O grande desafio que está colocado é como produzir literatura surda diretamente em língua de sinais ou em escrita de língua de sinais e ainda assim alcançar esse mercado editorial que costumeiramente se produz na língua portuguesa. A partir do momento em que a comunidade surda tem acesso a um mundo letrado, institucional, a produção literária surda alcançará seu registro e sua memorização, mas o grande desafio diz respeito também a uma questão linguística e cultural, ou seja, em que língua será feito isto e se o mercado reconhece as especificidades de desenvolvimento da comunidade surda, abrangendo suas



peculiaridades de produção, a importância do uso de imagens, por exemplo, da visualidade, da língua de sinais (falada e escrita), etc.

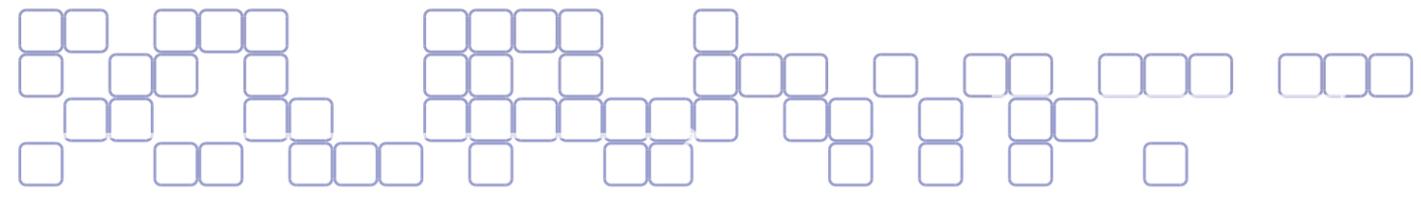
Pissinatti:As obras são publicadas ou de forma independente ou em editoras de pouco alcance do público, ou seja, não é simples ou tão acessível comprar uma obra do povo surdo. Não pelo custo, mas pelo acesso em encontrar as editoras ou locais em que são produzidas e vendidas as obras. Isso é uma das questões, a outra é que em geral, uma obra em LIBRAS tem um custo bem elevado, já que exige gravação e tratamento da imagem. O mercado editorial, em geral, publica em língua portuguesa. As autobiografias, por exemplo, que foram escritas por surdos, são lidas por um público pequeno de surdos, pois não há tradução disponível em LIBRAS da obra escrita em Língua Portuguesa.

Cei:Vocês estão escrevendo algum livro no momento? Têm projetos que envolvam outras linguagens?

Espíndola: Sim, estou produzindo um novo livro de literatura surda infantil conjuntamente com pesquisadores da área de surdez da Universidade de Brasília (UnB). Atualmente sou professor assistente do Instituto de Letras da UnB, responsável pela disciplina Libras e tenho interagido com diversos pesquisadores da área de linguística e educação, com pesquisas na área de Libras e educação de surdos, inclusive com interesse na produção de literatura surda para o público infantil.

Pissinatti:Não. Foi uma obra em conjunto com Amarildo e estou com minha pesquisa de doutorado em andamento.

Cei:Historicamente, mulheres e surdos sempre sofreram opressão. O preconceito presente na sociedade brasileira afeta a sua escrita? O que vocês pensam acerca da constante autoafirmação da voz poética da mulher, do surdo e de outras minorias?

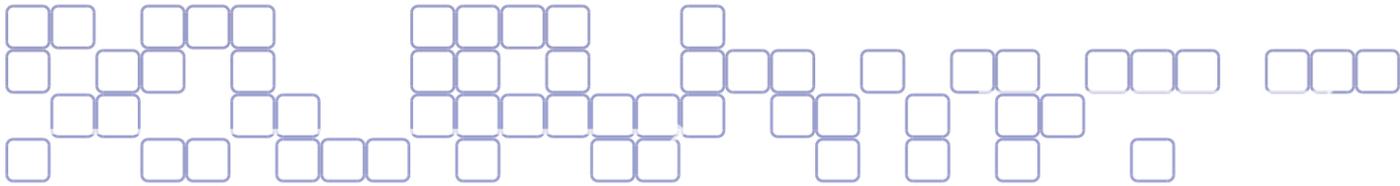


Espíndola: Nós vivemos em uma sociedade carente de significantes relacionados à pluralidade e ao reconhecimento da dignidade e valorização da diferença. Mulheres, negros, surdos, indígenas, pobres, entre outros, sofrem cotidianamente com atitudes preconceituosas de grupos majoritários e que fazem parte dessa tessitura de poder. Com certeza, todo este paradigma de discriminação acaba por construir uma realidade baseada em falsos argumentos e pseudo autoridades, interferindo na produção escrita de minorias, pois em primeiro lugar precisam se defrontar com estigmas e desconfianças de toda ordem, inclusive de sua competência. Eu considero que somente por meio de um movimento de resistência, luta e independência poderemos reconstruir uma autoridade, no sentido bom do termo, e uma autorização comunitária para podermos produzir em condições de igualdade e não em uma relação opressiva.

Pissinatti: Apesar dos avanços que descrevemos acima e das políticas que favorecem um maior respeito e valorização do povo surdo, acredito que não é tão simples ser diferente e produzir literatura em meio ao diferente. Existe muito preconceito e descrença nas produções dos grupos minoritários. A própria produção é um ato de resistência, de luta do povo surdo.

Cei: Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes autoritários, fascistas, racistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?

Espíndola: Para mim, também é difícil compreender. A pergunta é complexa e requer uma resposta complexa em pouco espaço. O que posso refletir a respeito é que estamos vivendo um verdadeiro retrocesso que impactará, inclusive, o processo de desenvolvimento que as minorias vinham construindo no mundo afora. Anteriormente, vivenciamos um acréscimo de grupos minoritários em relações de poder um pouco mais igualitárias, com regimes políticos mais próximos da democracia, negros disputando o poder com brancos, a mulher avançando cada vez



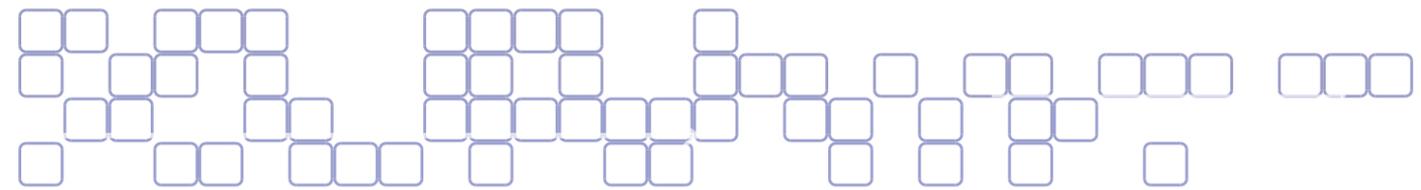
mais rumo ao direito às suas peculiaridades e a comunidade LGBT promovendo um debate intercultural internacional sobre seus direitos de pertencer sendo diferentes, entre outros. A comunidade surda, da mesma forma, desde o século passado vem num crescente movimento de resistência, com construções tanto do ponto de vista linguístico (estudos acadêmicos sobre as línguas de sinais, legislações de reconhecimento e regulamentações dessa língua e das comunidades que a utilizam), quanto do ponto de vista educacional, com propostas de escolas mais inclusivas não-homogeneizadoras, verdadeiramente bilíngues e biculturais e com o acesso mais facilitado às políticas públicas, assim como o fortalecimento de federações internacionais e nacionais, bem como a constituição de associações de surdos nos mais diferentes recantos do país. Acredito que isto veio incomodando muitos fascistas, ditadores e preconceituosos de maneira geral, que em nome da “família”, religião e do bem-estar, ferem, discriminam e matam. Estamos em um momento em que a expectativa com relação ao futuro da humanidade começa a viver um retrocesso, mas espero que essa onda de retrocessos seja acalmada com uma onda maior ainda de força, resistência e luta, com muito valor à vida e ao *amormundi*, no dizer de Hanna Arendt.

Pissinatti: Vivemos um momento onde tudo é incerto, provisório, instantâneo. Em meio ao caos político, identitário, econômico das sociedades eu acredito que a literatura seja uma resposta e um caminho para a construção de uma nova humanidade. Utopia? Talvez sim, mas se não houver utopia nos tempos atuais sobrevivemos? A literatura, assim como afirma Todorov, me faz sentir mais humana, me coloca frente às questões humanas e não deixa que eu me perca no caos.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.
MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: produções culturais dos surdos em Língua de Sinais*. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>. Acesso em 24 jan. 2015.





PISSINATTI, Larissa Gotti. *Representações linguístico-culturais do povo surdo na literatura surda*. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

SILVA, Eielza Reis da; ESPINDOLA, Amarildo João; PISSINATTI, Larissa Gotti. *Curupira Surdo*. 1. ed. Porto Velho: AICSA, 2016.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

